

Anos iniciais: o desafio de construir uma base sólida em meio às incertezas

A professora Samyra do pequeno município de Propriá – a 100 Km de Aracajú (SE) – é apaixonada pela educação infantil. Depois de ter trabalhado com Ensino Fundamental, a educadora encontrou sua vocação na alfabetização de crianças de até 5 anos. *“Eu me emociono de ver o aluno se desenvolvendo na leitura”*, conta. Lecionando em uma escola de tempo integral e acostumada a acompanhar de perto a evolução de cada estudante, Samyra sentiu sua rotina mudar completamente diante da epidemia de coronavírus.

O primeiro caso foi registrado na cidade dia 16 de março, levando à suspensão das aulas a partir do dia seguinte. *“Até então, tínhamos medo, mas parecia algo distante. Com a notificação do primeiro munícipe doente, entendemos a gravidade”*, lembra. Para manter o contato com as crianças e dar continuidade ao trabalho de letramento, Samyra e uma colega desenvolveram apostilas de atividades. De forma independente, providenciaram a impressão e entregaram para os pais.

Por meio do grupo no WhatsApp, ficou combinado que as atividades seriam retiradas pelos pais na casa de Samyra semanalmente. Ao entregar o material, os pais recebiam também as instruções de como ajudar os filhos a executá-las. Na semana seguinte, as atividades feitas eram devolvidas e novas eram entregues aos responsáveis. Mais do que uma resposta para a pandemia, a prática surgiu do engajamento das educadoras acerca da importância de fortalecer o vínculo com as famílias gerando comprometimento com a evolução e a alfabetização das crianças.

Este fluxo seguiu até meados de abril, quando Samyra e outros professores contratados tiveram o vínculo empregatício suspenso por parte da Prefeitura até o fim da pandemia. Sem salário e sem respaldo da Secretaria de Educação, a professora se viu obrigada a interromper o envio das atividades impressas. *“Mesmo assim, mando atividades para os pais que me pedem. Passo uma foto por WhatsApp com a orientação de como fazer o exercício e eles decidem se vão imprimir ou passar a lição no caderno dos filhos”*, explica a educadora.

A quebra dos contratos levou os professores a se unirem e encaminharem a reclamação junto aos vereadores. Independentemente da decisão da cidade de Propriá, Samyra segue acreditando no poder dos anos iniciais para formação de cada estudante. *“Somente uma base sólida de educação evita evasão escolar, reprovação, e dificuldades futuras no processo de ensino-aprendizagem”*, reforça.